

Atenção primária à saúde é prioridade na Faculdade de Medicina da USP

A Faculdade de Medicina da USP vem passando por uma mudança de paradigmas, que acompanha a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS). Além da atuação junto aos principais órgãos de saúde no atendimento à população, o conceito de atenção primária à saúde também está sendo amplamente difundido no ensino. Nesta edição, acompanhamos os alunos de graduação de primeiro ano à aula que os leva a comunidades da zona oeste de São Paulo, atendidas por Unidades Básicas de Saúde, para que conheçam o funcionamento do SUS e a realidade dos pacientes. Veja nas páginas 6 e 7.



LIZANDRA MAGON DE ALMEIDA

HCFMUSP inaugura novas dependências do IPq e do IOT

No mês de março, o Hospital das Clínicas da FMUSP inaugurou dois novos espaços: a Ala Norte do Instituto de Psiquiatria (IPq) e a ampliação do pronto-socorro do Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT). Para a entrega da Ala Norte do IPq, estiveram presentes em evento solene o ex-governador de São Paulo, Dr. Geraldo Alckmin, e o secretário de Estado da Saúde, Dr. Luiz Roberto Barradas Barata. No mesmo dia, o ex-governador e o secretário visitaram as instalações do IOT e vistoriaram as obras no Instituto Dr. Arnaldo. Página 4.

Secretaria de Estado da Saúde expande módulo criado pela FFM

Em 2003, a Gerência de Informática da FFM criou, com apoio da Gerência de Faturamento da FFM, um sistema que informatizou no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, o programa MEDEX (Medicamentos Excepcionais) da SES/SP. O módulo, que passou a agregar todas as fases do programa – atendimento, dispensação de medicamentos de alto custo e faturamento –, foi tomado como modelo pela Secretaria e hoje já está implantado em 12 pontos do Estado, atendendo uma média de 80 mil pacientes. Página 8.

FMUSP empossa novos professores titulares.

Pág. 5

Aniversário do Jornal da FFM.

Pág. 11

Restauração: começaram obras nas portarias.

Pág. 12

Unidade Mente/Corpo

Crede-se a Hipócrates a visão integral ou biopsicossocial do ser humano, que norteou a medicina ocidental dos seus primórdios até meados do século 17.

Ele ensinava que a saúde do ser humano dependia do equilíbrio dinâmico entre influências ambientais, modos de vida e os vários componentes da natureza humana, então denominados “humores e paixões”. Modernamente, humores traduzem-se por equilíbrio químico e hormonal e paixões, pela interdependência entre mente e corpo. Hipócrates reconhecia, também, “as forças curativas” inerentes aos organismos vivos, que ele denominava “o poder de cura da natureza”. A tradição hipocrática reconhecia, portanto, a saúde do ser humano como um estado de equilíbrio dinâmico; enfatizava a importância das influências ambientais e dos modos de vida; a interdependência entre mente e corpo e o poder de cura inerente à natureza humana – a tendência inata do organismo em desequilíbrio psicofisiológico, de retornar ao estado de equilíbrio dinâmico.

Essa visão sistêmica do ser humano persistiu, em maior ou menor grau, até o século 17. Daí em diante, até os dias atuais, o cartesianismo tem influenciado, decisivamente, os rumos das ciências biológicas e da medicina. Instalou-se paulatina e poderosamente, tornando-se hegemônico, e dele resultou, em medicina, o modelo biomédico, que se caracteriza por uma visão fragmentária e reducionista – divide o todo em partes e as separa – e deflagrou, deste modo, a cisão mente-corpo-ambiente. Há que se creditar a este modelo avanços científicos e tecnológicos extraordinários e que culminaram, nas últimas décadas, com a emergência da biologia molecular.

Com a cisão mente-corpo-ambiente, porém, aos médicos couberam o corpo e suas partes, como objetivo de atenção principal, com omissão do sujeito; aos psi-

cólogos e psiquiatras, a mente; e, aos sanitaristas, o ambiente físico e sócio-cultural. Ao decretar, artificialmente, a cisão corpo-mente – como se isso fosse possível – ignorou a interdependência irremovível entre mente e corpo e, deste modo, não compreendeu fenômenos que só podem ser entendidos na sua essência, quando se considera a interdependência entre mente e corpo. Deste modo, rotulou-os pejorativamente.

Refiro-me aos termos doença psicossomática, efeito placebo e remissão espontânea. O termo doença psicossomática tem sido utilizado pela medicina biomédica para designar um distúrbio no qual não se identifica uma base orgânica claramente diagnosticada. Devido ao forte viés biomédico, essas desordens passaram a ser rotuladas como imaginárias, não reais. No jargão médico, o termo efeito placebo tem sido utilizado para designar qualquer aspecto do processo de cura que não esteja relacionado com intervenção física ou farmacológica. O placebo mimetiza exteriormente a medicação real, não contendo, no entanto, o princípio ativo. Quando ingerido, percentual significativo de pacientes acusam alívio ou melhora evidente de sintomas ou mesmo cura.

Do mesmo modo, a autocura, sem intervenção médica, tem sido descrita como remissão espontânea. Os médicos, portanto, tendem a classificar, pejorativamente, enfermidades cujas origens e desenvolvimentos não podem ser compreendidos pela estrutura biomédica como doença psicossomática e a rotular qualquer alívio ou cura induzidas pelas expectativas positivas do paciente, fé no médico ou no tratamento, como efeito placebo ou remissão espontânea. O significado real desses termos é muito semelhante: todos se referem ao poder curativo das atitudes mentais positivas do paciente. Quando se resgata a unidade mente/corpo e se adota, portanto, uma visão sistêmica de mente, as questões

se esclarecem. Se não, vejamos.

Os seres vivos, desde uma simples bactéria até o ser humano, em sua interação com o meio em que vivem, compartilham o fenômeno da auto-organização. São dotados de grande flexibilidade para se ajustar às mudanças do meio, preservando, deste modo, a auto-organização e, em conseqüência, o equilíbrio dinâmico. Reparem que o fenômeno da auto-organização ocorre com ou sem a presença de um sistema nervoso estruturado.

À dinâmica da auto-organização dos seres vivos denomina-se mente. Reconhece-se, também, na mente, um padrão multinivelado de processos, a maioria tendo lugar no domínio inconsciente. Nos mamíferos superiores, mais destacadamente no ser humano, o cérebro atinge sua maior complexidade, possibilitando a emergência e expressão do domínio psicológico, da razão e da consciência. Se a emergência do domínio psicológico favorece, por vezes, o equilíbrio dinâmico psicofisiológico do organismo, em decorrência de expectativas positivas da pessoa, outras vezes, no entanto, concorre para acentuar o desequilíbrio psicofisiológico gerado por estresse intenso e duradouro, em função de expectativas negativas.

Quando se adota uma visão sistêmica da mente, fica patente que qualquer enfermidade tem aspectos mentais. O processo de adoecimento e cura é parte integral do fenômeno de auto-organização. Sendo a mente, a dinâmica da auto-organização, o adoecimento e a cura têm sempre influência mental. Deste modo, doença psicossomática, efeito placebo ou remissão espontânea não comportam mistérios, fantasias ou imaginações. Todos esses fenômenos decorrem da interdependência irremovível entre mente e corpo.

*Prof. Dr. Yasuhiko Okay
Vice-Diretor da FMUSP
Vice-Diretor da FFM*

Jornal da FFM

Publicação bimestral da
Fundação Faculdade de Medicina
www.ffm.br
Av. Rebouças, 381 - 4º andar
CEP 05401-000 São Paulo, SP
Tel. (11) 3016-4948
Fax (11) 3016-4953
E-mail projetos@ffm.br

Conselho Editorial

Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes
Prof. Dr. Yasuhiko Okay
Angela Porchat Forbes
Arcênio Rodrigues da Silva

Os artigos assinados publicados neste informativo não refletem necessariamente a opinião da Fundação Faculdade de Medicina e são da responsabilidade de seus autores. Cartas e sugestões para o Jornal da FFM devem ser enviadas para projetos@ffm.br

Expediente

Diretor Responsável:
Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes
Jornalista Responsável:
Luiz Carlos de Almeida (MTb 9313)
Tiragem: 4.000 exemplares
Edição: Pólen Editorial - R. Itapeva, 240
cj. 905 - Tel/fax: (11) 3262-3023
e-mail: polen@poleneditorial.com.br

European Surgical Association homenageia Prof^a Dr^a Angelita Habr-Gama

Médica-cirurgiã do aparelho digestivo e professora emérita da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a Prof^a Dr^a Angelita Habr-Gama foi homenageada com o título de Membro Honorário da European Surgical Association (ESA). A cerimônia de homenagem aconteceu em Zurique, Suíça, durante o 13º Congresso da Instituição, que aconteceu nos dias 7 e 8 de abril.

A Prof^a Dr^a Angelita Habr-Gama foi empossada pelo presidente da Instituição, o Prof. P.A. Clavien, durante a abertura oficial do evento cientí-

co, no hotel Baur au Lac. Até o momento, apenas 16 cirurgiões, de diversas nacionalidades, receberam essa láurea. No caso da Prof^a Dr^a Angelita Habr-Gama, trata-se da primeira vez em que um cirurgião latino-americano recebe tal honraria. É, também, a primeira vez que uma mulher passa a incorporar o restrito elenco dos Membros Honorários da ESA.

A professora já havia recebido os títulos de Membro Honorário da American Surgical Association (ASA), em 2002, e do American College of Surgeons (ACS), em 2004.



Prof^a Dr^a Angelita Habr-Gama

TADEU BRUNELLI

American College of Physicians concede "Master Award" ao Prof. Dr. Geraldo Medeiros-Neto

Maior entidade de medicina do mundo, com mais de 100 mil afiliados, a American College of Physicians outorgou, em 6 de abril, o título de "Master Award" ao Prof. Dr. Geraldo Medeiros-Neto. Reservado aos médicos que contribuem para o desenvolvimento da Medicina, o título foi concedido ao Prof. Dr. Geraldo por sua "extensa, contínua e atualizada contribuição ao conhecimento das moléstias da glândula tireóide, resultando em uma nítida melhoria para o diagnóstico e tratamento das tireoidopatias".

Professor titular da FMUSP, o Prof. Dr. Geraldo Medeiros-Neto tem atuado fortemente no plano da Saúde Pública. Suas ações vêm contribuindo decisivamente para que o Programa de Rastreamento Neo-Natal do Hipotireoidismo Congênito – popularmente conhecido como "teste do pezinho" – se torne mais acessível. Há vários anos, também, o Prof. Dr. Geraldo contribui para que a legislação brasileira permita a adição de iodo ao sal de consumo humano, o que visa erradicar as moléstias decorrentes da carência desse elemento.

No Congresso, o presidente do American College, Dr. Morton A. Scheinberg, cumprimentou a FMUSP pela "reconhecida excelência de seu corpo docente, produzindo professores com marcante presença na Pesquisa e Ensino Médico no Brasil".

A American College of Physicians é responsável, também, pela edição da revista "Annals of Internal Medicine".



Prof. Dr. Geraldo Medeiros-Neto

DIVULGAÇÃO

Prof. Dr. Adib Jatene recebe Prêmio Conrado Wessel na categoria Medicina

A terceira edição do Prêmio Fundação Conrado Wessel de Arte, Ciência e Cultura contemplou ganhadores em seis categorias: Ciência Geral, Ciência Aplicada à Água, Ciência Aplicada ao Campo, Ciência Aplicada ao Meio Ambiente, Literatura e Medicina. Das 131 indicações feitas por universidades e instituições de todo o Brasil, a lista vencedora contemplou, na categoria Medicina, o Prof. Dr. Adib Jatene, da FMUSP. A cerimônia de premiação dos vencedores acontecerá no dia 12 de junho, na Sala São Paulo.

Assim como nas edições anteriores,



Prof. Dr. Adib Jatene

CLAUDIO BONESSO

os contemplados foram escolhidos pela Comissão Julgadora do Prêmio FCW de Ciência e Cultura, composta por especialistas indicados por oito instituições parceiras e representantes de Ministérios.

A Fundação Conrado Wessel é uma instituição filantrópica criada a partir do testamento do fo-

tógrafo e químico Ubaldo Conrado Wessel, argentino de origem alemã que, no início do século 20, radicou-se no Brasil. Inventor do primeiro papel fotográfico brasileiro, Wessel dirigiu, durante 25 anos, a Fábrica de Papel Fotográfico Kodak-Wessel.

HCFMUSP inaugura novas dependências

As novas instalações do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas – Ala Norte – foram inauguradas em 28 de março pelo então governador do Estado de São Paulo, Dr. Geraldo Alckmin, que na data ainda exercia o cargo, e pelo secretário de Estado da Saúde, Dr. Luiz Roberto Barradas Barata. No mesmo dia, o Dr. Geraldo Alckmin também visitou a recém-inaugurada ampliação do pronto-socorro do Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT) e vistoriou o Instituto Doutor Arnaldo, que já está com 70% de suas obras finalizadas.

Com a conclusão da terceira e última fase das obras do IPq, que agora está com todo o prédio em funcionamento, o Instituto passará a registrar um atendimento de 150 mil consultas ambulatoriais por ano, o dobro da capacidade anterior. As mudanças realizadas concluem a implantação de um modelo inédito de assistência hospitalar: as enfermarias especializadas em problemas específicos. Pacientes deprimidos, por exemplo, não serão internados no mesmo espaço em que são atendidas pessoas em estado de agitação psicótica. Esse novo modelo de assistência é baseado em experiências bem sucedidas de instituições parceiras do IPq, ligadas às universidades de Pittsburgh (EUA), Londres (Inglaterra) e Mannheim (Alemanha).

O Prof. Dr. Valentim Gentil Filho, Titular de Psiquiatria da FMUSP e presidente do Conselho Diretor do IPq, ressalta que o apoio do Governo do Estado – que investiu R\$ 32 milhões desde o final de 2001 – foi fundamental para a concretização da obra: “Não nos faltaram o suporte financeiro do Governo e a compreensão e a boa vontade desta Instituição e de uma legião de pessoas interessadas em trazer para São Paulo o que de melhor existe em nossa área de atuação. Aqui,



A Ala Norte do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP foi inaugurada em março. Estiveram presentes o secretário de Estado da Saúde, Dr. Luiz Roberto Barradas Barata; o presidente do Conselho Diretor do IPq, Prof. Dr. Valentim Gentil Filho; o então governador do Estado de São Paulo, Dr. Geraldo Alckmin; o diretor da FMUSP, Prof. Dr. Giovanni Guido Cerri; entre outros

e nos diversos outros serviços que poderão se inspirar neste modelo, gerações de profissionais exercerão plenamente sua missão de assistência, ensino e pesquisa”.

Traumas ortopédicos

Instalado no novo prédio anexo ao IOT, que tem área de 2,7 mil metros quadrados, o pronto-socorro tem agora 1,5 mil metros quadrados. Com a ampliação, o PS passou a contar com salas de atendimento de emergência a pacientes graves, higienização, observação, curativos, suturas e drenagem, além de duas salas de radiografia com equipamentos de última geração. Para essa ampliação, o Governo do Estado investiu cerca de R\$ 6,4 milhões. Mensalmente, o Pronto-Socorro do IOT atende 4 mil pacientes, que a partir de agora terão maior quantidade e qualidade de serviços de trauma ortopédico.

As obras do prédio do Instituto Doutor Arnaldo também foram vistoriadas pelo então governador e pelo secretário de Saúde. Com 70% das obras concluídas, o prédio tem finalização prevista para o segundo semes-

tre deste ano. Atualmente, a estrutura do 14º ao 22º andar está totalmente finalizada, com acabamento de pintura, forro, régua de gases, pastilhas e pisos. Os demais andares entraram agora na fase de acabamento.

O foco de atendimento do Instituto Doutor Arnaldo, que antes era denominado Instituto da Mulher, será o tratamento de transplantados e vítimas de câncer, além de sete andares exclusivos para o atendimento à mulher e gestantes de alto risco. Serão 726 leitos em 28 pavimentos, com cerca de 240 leitos destinados à mulher.



O pronto-socorro do IOT também recebeu a visita das autoridades

Novos professores titulares na FMUSP

A Faculdade de Medicina da USP passou a contar com mais três professores titulares nos departamentos de Dermatologia, Neurologia e Moléstias Infecciosas e Parasitárias, para os quais foram nomeados, respectivamente o Prof. Dr. Luiz Carlos Cucé, a Prof^a Dr^a Umbertina Conti Reed e o Prof. Dr. Antônio Alci Barone.

O Prof. Dr. Luiz Carlos Cucé formou-se pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. É doutor em Medicina pela FMUSP e livre-docente da Escola Paulista de Medicina (1974) e FMUSP (1987). Em 1973 tornou-se professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro (Unisa), onde ainda atua. Em 1961 iniciou, como voluntário, estágio na Clínica Dermatológica do HCFMUSP. Passou a exercer o cargo de médico auxiliar de ensino em 1964 e, no ano seguinte, foi nomeado médico-assistente. Já exerceu, por duas vezes, o cargo de chefe do Departamento de Dermatologia da FMUSP.

Na década de 1960, quando presidiu a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD) de São Paulo, organizou e implantou jornadas dermatológicas nos serviços credenciados da época, o que permitiu uma melhoria do método didático e de pesquisa, aumentando a frequência dos dermatologistas nas jornadas. Com diversos trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais, tem sido

agraciado com diversos prêmios, agradecimentos e homenagens. “Nos últimos 15 anos tenho me dedicado à implantação do atendimento e pesquisa da cosmetologia nos serviços de Dermatologia da FMUSP e UNISA. Minha meta atual é a de ampliar os estudos de laserterapia na Dermatologia”, declara.

Nascida em Gênova e naturalizada brasileira desde a década de 1970, a Prof^a Dr^a Umbertina Conti Reed se graduou pela FMUSP em 1971 e, no ano seguinte, fez parte da primeira turma de Residência em Neurologia Infantil no então Departamento de Neuropsiquiatria – o atual Departamento de Neurologia –, sob coordenação do Prof. Antonio Branco Lefèvre, um dos pioneiros da Neurologia Infantil brasileira. Quando finalizou a residência, fez pós-graduação e foi admitida como auxiliar de ensino, na FMUSP, em 1976. “Desde o final da década de 1980 eu desenvolvia, fortemente estimulada pelos Profs. Levy e

Diament, pesquisa acadêmica na área das Doenças Neuro-musculares em crianças. Entendi que, pelo acúmulo de conhecimentos, só conseguiria progredir e obter a Livre-Docência se assumisse o regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, no qual agora permaneço como professora titular.”

Para o novo cargo, a Prof^a Dr^a

Umbertina declara que pretende “viabilizar uma maior exposição à Neurologia Infantil por parte do aluno da Graduação, sobretudo através do oferecimento de disciplinas optativas e de incentivo à iniciação científica, já que estatísticas americanas mostram claramente que uma excelente base em neurociência durante o curso de graduação representa o maior incentivo para a procura do exercício da Neurologia Infantil”.

Formado pela FMUSP em 1965, o Prof. Dr. Antônio Alci Barone realizou residência em Clínica Médica e

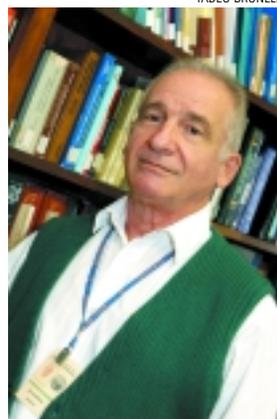
em Doenças Infecciosas e Parasitárias no HCFMUSP. Sua pós-graduação foi conduzida no programa do Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias, tendo feito Mestrado em 1979 (tétano) e Doutorado em 1986 (hepatites virais). Tornou-se livre-docente em 1993 e docente da FMUSP em 1998.

Com relação às suas expectativas e planos

para o novo cargo, o especialista em Doenças Infecciosas e Parasitárias vê, atualmente, uma grande ampliação de suas áreas de atuação. “A nossa atuação como consultores dentro de um hospital geral é fundamental e tem sido ressaltada em todo o mundo. As doenças emergentes e re-emergentes cada vez mais ameaçam a saúde das populações e demandam atuação pronta e decisiva. Devemos formar médicos habilitados para enfrentar essas situações e professores capazes de cumprir essa missão e, ao mesmo tempo, devemos criar condições para o desenvolvimento de conhecimentos novos nessa importante área da medicina”, declara.



Prof. Dr. Luiz Carlos Cucé



Prof. Dr. Antônio Alci Barone



Prof^a. Dr^a. Umbertina Conti Reed

Conceito de atenção primária à saúde se consolida no ensino de graduação

Osito horas da manhã, segunda-feira, 90 alunos de primeiro ano de Medicina se reúnem em torno de três ônibus de turismo, no estacionamento da Faculdade de Medicina da USP. Eles se preparam para assistir a disciplina de Atenção Primária à Saúde, que acontece em algumas Unidades Básicas de Saúde (UBS) do Distrito de Saúde do Butantã, zona oeste de São Paulo. Implantada há três anos, a disciplina é oferecida não só aos calouros, mas também a alunos de terceiro e quinto anos.

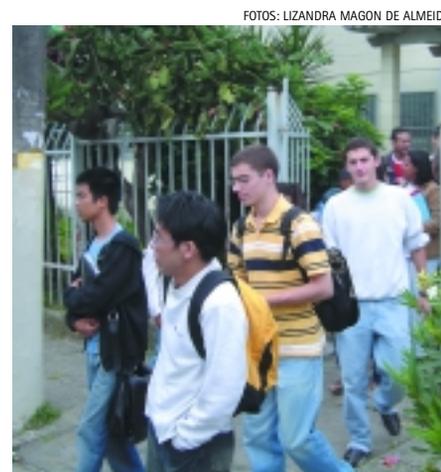
No primeiro ano, os alunos são divididos em seis turmas de 30 e fazem o reconhecimento dos territórios e dos problemas da comunidade. Cada ônibus vai a uma unidade e lá, os alunos se dividem, revezando-se a cada semana. Metade deles permanece na UBS, acompanhando a rotina dos atendimentos e conhecendo o funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS). Os demais saem de ônibus ou a pé, acompanhados pelas agentes comunitárias de saúde, que já conhecem as comunidades e vão explicando os problemas da região, tanto sociais como de saúde. “Nossa intenção é fazer com que os alunos conheçam a realidade das pessoas que vão atender. Esse contato é fundamental. Muitos alunos não fazem idéia de como é uma favela ou uma comunidade de baixa renda e não conseguem entender seus problemas. Nunca viram um córrego sem canalização ou várias famílias vivendo no mesmo espaço”, explica um dos professores responsável pela disciplina, Prof. Dr. Joaquim Vieira.

Os alunos vão fazendo seu diagnóstico junto com as equipes de Saúde da Família, sob a supervisão dos professores, que perguntam como ca-

da um deles contornaria certas situações, como abordariam os problemas. Conforme avançam na graduação, os alunos vão assumindo responsabilidades crescentes. No quinto ano, os alunos fazem atendimento supervisionado. O diagnóstico social também gera um banco de dados com informações demográficas quantitativas e qualitativas que permitem conhecer prevalências e propor medidas para atacar os problemas.

Uma nova visão

As visitas dos alunos de graduação às comunidades do Distrito do Butantã são apenas a ponta do iceberg de um projeto muito mais amplo, que começa a permear todo o ensino ministrado pela FMUSP. “Quando assumimos a Diretoria da Faculdade, discutimos a necessidade de um paradigma de atenção à saúde mais integrado. A Faculdade tem por tradição formar



FOTOS: LIZANDRA MAGON DE ALMEIDA

especialistas gerais e subespecialistas, profissionais que tratam a doença, mas sentimos a necessidade de trabalhar mais com a prevenção”, explica o Prof. Dr. Yassuhiko Okay, vice-diretor da FMUSP e da Fundação Faculdade de Medicina (FFM) e um dos mentores das diretrizes de atenção primária à saúde hoje em vigor.

Atualmente, o Comitê de Atenção



Acompanhados de agentes comunitários de saúde, os alunos do primeiro ano da disciplina de Atenção Primária à Saúde saem para conhecer a realidade das comunidades visitadas

Primária está diretamente ligado à Diretoria da FMUSP, com a participação dos departamentos de Clínica Médica, Pediatria, Medicina Preventiva e Ginecologia e Obstetrícia. Em paralelo, foi criada a residência médica em Medicina da Família e Comunitária. A idéia é formar até 12 residentes por ano. Essas diretrizes chegaram ao ensino depois que a FMUSP já acumulava bastante conhecimento em projetos de atenção primária à saúde realizados em parceria com a Secretarias de Saúde do Estado e do município. A Faculdade, por meio da FFM, já administra vários núcleos do Programa Saúde da Família (PSF) no Distrito de Saúde do Butantã. A FFM também é responsável pela contratação das agentes comunitárias de saúde.

Enquanto passeiam por vielas, escadarias e ruas de terra, os alunos são levados a observar as condições de vida dos moradores e recebem informações das agentes comunitárias, que chamam a atenção para os problemas decorrentes da insalubridade de certas regiões. Nos relatórios que apresentam aos professores, os alunos devem reparar não só nos problemas sociais, mas em possíveis causas de acidentes. “Pedimos que eles anotem se em uma casa com idosos, por exemplo, existem tapetes soltos ou cantos baixos. Grande parte dos atendimentos é feita a acidentes domésticos, então eles têm de entender o estilo de vida dos pacientes”, conta o Prof. Dr. Joaquim.

“O paradigma biomédico tradicional diz que saúde é a ausência de doença. Esse modelo cindiu o ser humano, retirando os aspectos psicológicos e sociais do campo da medicina. Hoje trabalhamos com o conceito de que o homem é um ser biopsicossocial, ou seja, tem aspectos psicológicos e influência do ambiente social e físico, que pode ser propício ou desfavorável à saúde”, explica o Prof. Dr. Yassuhiko Okay.

“Cerca de 85% dos problemas podem ser resolvidos in loco, sem a necessidade de deslocamento ao hospi-

Seminário discute o papel da Universidade no Serviço de Saúde

O fortalecimento à atenção primária à saúde é uma diretriz estabelecida pela Constituição de 1988 e desde 1999 o Ministério da Saúde vem se aproximando das instituições de ensino médico para estabelecer parcerias que promovam a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS). Esses valores chegaram ao ensino em 2001, quando o Ministério da Educação redefiniu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina.

Desde então, a FMUSP discute o assunto, que foi tema do 1º Seminário sobre Atenção Primária à Saúde – A Universidade e o Serviço de Saúde, realizado na FMUSP de 22 a 24 de março, em parceria com a Unesco e a FFM.

O Seminário foi aberto pela Dra. Barbara Starfield, professora titular de Política de Saúde da Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, nos Estados Unidos, que apresentou dados estatísticos que comprovam a importância do investimento na atenção primária à saúde. Segundo ela, quanto mais os países investem em tecnologia em detrimento da área de atenção primária, mais aumenta o índice de mortalidade infantil de crianças até cinco anos. Ela citou como exemplo o caso da Indonésia, que nos últimos anos reduziu os gastos com políticas preventivas em prol da construção de hospitais, o que impactou diretamente na mortalidade infantil.

Outro cálculo interessante é o que relaciona a quantidade de especialistas à saúde pública. “Quanto maior o número de médicos especialistas de um país, piores seus resultados no âmbito global. Esses especialistas acabam atendendo pessoas que não precisam ser vistas por eles. O ideal é que haja um screening feito por médicos generalistas”, explicou a Dra. Bárbara Starfield.

Em sua sessão de abertura, o evento contou com a presença da Dra. Maria Cristina Curri, secretária de Saúde do município; do Prof. Dr. Giovanni Guido Cerri, diretor da FMUSP; do Prof. Dr. Yassuhiko Okay, vice-diretor da FMUSP e presidente da Comissão de Educação Permanente em Atenção Básica à Saúde da FMUSP; do Prof. Dr. Adib Jatene, professor emérito da FMUSP; da Dra. Âmar de Barros, coordenadora do escritório da Unesco em São Paulo; e do Dr. Paulo Kron, chefe de gabinete da Secretaria de Estado da Saúde. O Seminário discutiu, entre outros temas, aspectos conceituais de modelos de atenção primária, a atenção primária na organização dos sistemas de saúde e o ensino da atenção primária na Universidade. Participaram dos debates e apresentações os convidados internacionais Drs. Juan Gérvas Camacho, clínico geral especializado em Medicina Rural e Walter Rosser, da Queen's University Kingston.

tal”, estima ele. É o que preconiza o Sistema Único de Saúde: só 15% dos atendimentos são encaminhados dos postos aos centros de atendimento secundário, como o Hospital Universitário, ou terciário, como o Hospital das Clínicas da FMUSP. No caso de emergências, o atendimento é feito diretamente nos hospitais secundários ou terciários.

Aos poucos, esses novos valores são incorporados aos três níveis de atuação da Universidade: o ensino, a pesquisa e o atendimento à comunidade. A for-

mação de médicos generalistas deve atender à demanda do SUS, mas, segundo o Prof. Dr. Okay, ainda falta a maior integração entre os três níveis de atendimento para que tudo funcione como foi planejado. “Falta que todos os níveis tenham acesso à informação do paciente, com um prontuário único e eletrônico. É preciso haver um esforço para montar esses sistemas. Como isso ainda não funciona, as pessoas continuam se dirigindo aos hospitais. Um sistema integrado evita filas e deslocamento”, finaliza.

Sistema criado pela FFM é usado como modelo pela Secretaria da Saúde

Mantido pelo Governo do Estado de São Paulo, o MEDEX é um programa de dispensação de medicamentos que tem como principal objetivo a entrega de remédios de alto custo para pacientes portadores de patologias específicas, como doenças crônicas e raras. Esses medicamentos, denominados Medicamentos Excepcionais, são comprados pelas Secretarias Estaduais com recursos repassados pelo Ministério da Saúde e o seu faturamento se dá através de uma Autorização de Procedimento de Alta Complexidade (APAC).

No Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP), o programa estava presente em vários pontos de dispensação e cada um deles possuía um sistema ambulatorial específico. Além disso, o atendimento e a dispensação aos remédios eram realizados em locais distintos, o que levava o paciente a se deslocar mais de uma vez. As fases englobadas também não estavam sincronizadas e isso ocasionava perdas de faturamento e dificuldade na reposição do medicamento.

Para otimizar esse processo, a Gerência de Informática da Fundação Faculdade de Medicina (FFM) criou, com o apoio da Gerência de Faturamento da FFM e da Diretoria Executiva do Instituto Central, o Projeto MEDEX, módulo que contempla desde o atendimento ao paciente até o faturamento eletrônico dos medicamentos, como explica Jacson Barros, gerente de Informática da FFM: “Nossa área era responsável por faturar os Medicamentos Excepcionais e por isso resolvemos criar um módulo que contemplasse todo o ciclo, ou seja, informatizamos o processo e criamos um sistema que agrega atendimento, dispensação e, conseqüentemente, procede o faturamento. O

módulo gerou diversos benefícios e otimizou toda a rotina envolvida. Antes, por exemplo, levávamos até dez dias para faturar o mês, hoje esse procedimento é feito em um dia”.

Com uma grande flexibilidade de integração com sistemas externos, o Projeto MEDEX mostrou-se bastante eficiente, o que levou a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP), através do incentivo do Dr. Umberto Tachinardi, integrante da Secretaria, a convidar a FFM a fazer um piloto do projeto em São José do Rio Preto, cidade que tinha os mesmos problemas da capital paulista: filas, demora na entrega do medicamento etc. “Para se ter uma idéia”, conta Jacson, “as pessoas chegavam às quatro da manhã para tentar retirar o medicamento naquele mesmo dia. Hoje em 15 minutos o medicamento é disponibilizado”. Desde a instalação em Rio Preto, em junho de 2004, mais 12 pontos receberam o sistema (ver tabela).

Somando-se todos esses pontos, o projeto MEDEX atende hoje quase 80 mil pacientes, em um programa administrado pela Coordenadoria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos de Saúde (CCTIES) da SES-SP. Para atender essa demanda, criou-se, através de uma parceria entre a SES-SP e a FFM, uma célula de tecnologia dedicada ao projeto, sob a coordenação da Gerência de Informática. Além da consolidação de dados e do envio de informações para o Sistema Único de Saúde (SUS) e para as farmácias de dispensação, funções realizadas por essa célula, a Gerência chefiada por Jacson Barros ainda é responsável pelo trei-

namento da equipe local, pela adaptação do sistema e pela preparação da base de dados para implantação.

Uma outra vantagem oferecida pelo projeto MEDEX é a integração com o Cartão Nacional de Saúde (CNS). Dessa forma, hoje é possível controlar se um paciente sai de São Paulo para tentar obter esse medicamento em Botucatu, por exemplo. O sistema, nos 13 pontos onde está interligado, não permite mais esse tipo de ação.

A eficácia do módulo levou à criação de um derivado, que por ora só atende a capital paulista: um gerenciador de medicamentos para pacientes com insuficiência renal crônica. Com esse sistema, o Projeto MEDEX-TRS, os pacientes atendidos, cerca de 6 mil, não precisam mais se deslocar ao Centro de Distribuição de Medicamentos. Agora o medicamento é entregue diretamente na clínica onde será aplicado. Tanto o módulo MEDEX quanto o MEDEX-TRS deverão ser estendidos para todas as unidades subordinadas à rede estadual de saúde.

O projeto desenvolvido pela Fundação Faculdade de Medicina foi inscrito, em 2005, em dois prêmios: o de melhor case de TI, da Abril Info Corporate, e o Prêmio Mário Covas, no qual ficou entre os vinte finalistas. Em 2006 foi inscrito no prêmio CONIP.

Locais onde o Projeto MEDEX foi instalado

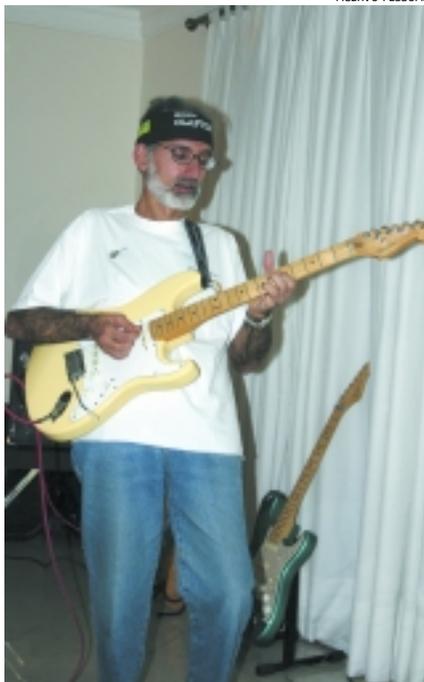
Unidades MEDEX	Início da operação	Média mensal de atendimento
S. José do Rio Preto	jul/04	10.647
Campinas	out/04	14.155
Sorocaba	nov/04	7.861
Votuporanga	abr/05	2.558
Botucatu	mai/05	4.916
IAMSP	jun/05	9.952
T. Renal Substitutiva	out/05	5.571
Farmácia Central	out/05	133
PAM Mária Zelia	dez/05	6.483
PAM Centro	dez/05	3.596
Bauru	dez/05	6.327
Araraquara	mar/06	3.463
TOTAL		75.662

Do hemocentro para os shows de iê-iê-iê

A década de 1960 foi, acima de tudo, dos jovens. Foi a época do surgimento da minissaia, da Pop Art, da pílula anticoncepcional e do movimento da contracultura hippie; os estudantes, de Paris e de muitas cidades do mundo, tomaram as ruas para desafiar a tradição e a conservadora ordem social e política. A música embalou a juventude e o que se ouvia era o som dos Beatles, Rolling Stones, entre muitos outros. No Brasil, a Jovem Guarda, movimento que colocou o país em sintonia com o fenômeno internacional do rock, fazia sucesso na televisão e também ditava moda.

Foi nesse agitado contexto que o Dr. Carlos Roberto Jorge deu seus primeiros acordes musicais no mundo do rock e do iê-iê-iê. Aprendeu a tocar guitarra de ouvido e, aos 14 anos, em 1965, teve sua primeira banda, The Kings Boys. Em 1968 – agora na banda do compositor e produtor Eduardo Assad, já falecido, a Eduardo e seus Menestréis –, o médico passou a tocar em programas da TV Record, como “Astros do Disco”, “Festival Universitário da Canção” e o “Jovem Guarda”, que era apresentado pelo trio Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia. Naquele ano também se formou a banda Skeletons na Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes: o nome é uma mistura de “esqueleto”, alusão às aulas de anatomia, com “tom”, em uma referência ao tom musical.

O Dr. Jorge se formou na mesma Faculdade, mas a participação dele na “banda de médicos” só aconteceu quase 20 anos depois da formação do grupo. “Eu só conheci os Skeletons em 1985. Já estava formado e soube que existia uma banda de médicos, e fui vê-los tocar. Depois que o solista saiu, eles me convidaram para entrar no grupo e estou nele até hoje”, conta. Com algumas modificações desde a



O Dr. Carlos Roberto Jorge toca guitarra desde os 14 anos

formação original, a banda é completada pelos médicos Cláudio Nacif Feres, José Roberto Thomé de Paula e Nelson Hamershlack e pelo “paciente”, apelido de Kiko Carbone, único integrante que não é médico.

Formado em 1977, o Dr. Jorge começou a trabalhar no ano seguinte no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Continua até hoje no Complexo: é o hemoterapeuta encarregado das transfusões do Centro Cirúrgico. “Eu gosto muito do que faço. Trabalho no setor da Medicina Transfusional da Fundação Pró-Sangue, e em meu cargo preciso determinar metas para diminuir as requisições de sangue que não têm indicação”. Faz parte do trabalho do Dr. Jorge orientar os procedimentos de transfusão e os problemas imunológicos e de coagulação, funções imprescindíveis em cirurgias de transplante, por exemplo.

Com um cotidiano bastante corrido, a música para o Dr. Jorge tem um

efeito desestressante. “Acho que todo mundo deve ter um hobby e a música, para mim, faz bem para a alma. Trata-se de uma higiene mental muito importante, tem o efeito de espairar, de descarregar mesmo. É como se fosse o divã de um analista”, explica. Essas “sessões de análise” acontecem toda última sexta-feira do mês. É nesse dia que os Skeletons tocam no bar “Sapori de Rosi”, localizado na Avenida Ipiranga, 200, no andar térreo do Edifício Copan. Além dessas apresentações na região central da cidade, a banda também toca uma vez por ano, desde 1999, no Prédio dos Ambulatórios (PAMB) do Hospital das Clínicas da FMUSP. “Nós tocamos para os pacientes e funcionários na época de Natal e o saguão do hospital fica cheio”, conta.

O repertório da banda, claro, é composto basicamente de rock clássico, com muitas músicas dos Beatles – cerca de 70% das canções apresentadas –, e de bandas americanas e da Jovem Guarda. “Tocamos também músicas instrumentais, composições de bandas como The Jordans, The Jet Blacks e Os Incríveis.” Em sua formação musical autodidata, o Dr. Jorge teve influência de dois solistas de bandas nacionais dos anos 1960, como “o Gato” – The Jet Blacks – e “Aladim” – da banda The Jordans. Outros guitarristas que fizeram parte das influências musicais do médico são Eric Clapton, Steve Ray Vaughan, Mark Knopfler, David Gilmour, Keith Richards, Jimi Hendrix e muitos outros.

A paixão pela música parece não ter fim. Tanto é que, mesmo com todo o tempo corrido, o hemoterapeuta ainda encontra tempo para tocar em eventos beneficentes com uma outra banda, a The Royal Guardians, que também traz um repertório de rock clássico, mas, como explica o Dr. Jorge “um pouco mais pesado”.

Setor farmacêutico se reúne para discutir as inovações, pesquisas e o acesso a medicamentos

Autoridades da área da saúde, parlamentares e especialistas nacionais e internacionais se reuniram em 24 de março para discutir o tema “Inovação, Pesquisa e Acesso a Medicamentos”, no II Seminário Política Nacional de Medicamentos. Organizado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Associação Médica Brasileira, Conselho Federal de Medicina, Federação Brasileira da Indústria Farmacêutica e pela Frente Parlamentar da Saúde, o evento foi realizado no Instituto de Ensino e Pesquisa (IEP) do Hospital Sírio Libanês e contou com o apoio da Fundação Faculdade de Medicina.

Entre diversos temas, o encontro permitiu a análise, em perspectiva, do que se faz atualmente no mundo e no setor farmacêutico brasileiro. Foram discutidos aspectos como o incentivo à pesquisa de medicamentos inovadores; o papel dos centros de pesquisa públicos e privados e a contribuição da indústria farmacêutica e dos laboratórios públicos no esforço de ampliar o acesso da população aos medicamentos; as iniciativas e diretrizes dos organismos nacionais e internacionais da área da saúde, como Organização Mundial de Saúde, Ministério da Saúde e Agência Nacional de Vigilância Sanitária; a carga tributária incidente sobre os medicamentos; novas tendências mundiais na área farmacêutica; propriedade intelectual e a questão das patentes.

As mesas-redondas contaram com a participação de membros ilustres. Entre os convidados, o Prof. Dr. Jorge Kalil, professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e diretor do Departamento de Imu-



FÁBIO FRANCI

O evento foi realizado no Instituto de Ensino e Pesquisa (IEP) do Hospital Sírio Libanês

nologia Clínica do Incor; Victor Hugo Travassos, diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA); José da Rocha Carneiro, coordenador do projeto Inovação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); Moisés Goldbaum, secretário nacional de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde; Gilberto do Amaral, presidente do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT); Roberto Jaguaribe, presidente do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI); Luiz Antônio Barreto de Castro, secretário de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia; Tuyoshi Ninomya, assessor especial da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Oficiais do Brasil (ALFOB). A mesa de debates “Inovação, Pesquisa e Acesso a Medicamentos” foi mediada pelo jornalista Heródoto Barbeiro.

O seminário também teve a participação de convidados internacio-

nais, que apresentaram: “A experiência em países em desenvolvimento”, tema exposto pelo pesquisador grego Basil Achilladelis; “A pesquisa sob uma perspectiva global”, tema apresentado pelo vice-presidente para assuntos científicos e médicos do laboratório Abbott Internacional, John Leonard; “Aspectos da legislação sanitária sobre medicamentos”, pesquisa apresentada pelo coordenador do Departamento de Garantia de Qualidade e Segurança: Medicamentos, da Organização Mundial da Saúde (OMS), Lembit Rago.

Em síntese, o relatório do encontro destacou que a ampliação do acesso aos medicamentos tem no desenvolvimento da indústria farmacêutica um fator fundamental, juntamente com a definição de medidas de estímulo à inovação e à pesquisa, o aperfeiçoamento da regulação sanitária, econômica e dos mecanismos de propriedade intelectual, além do aprofundamento do debate sobre a questão fiscal.

Odontologia hospitalar é discutida em Congresso no Complexo HCFMUSP

Aconteceu em março, com organização da Fundação Faculdade de Medicina, o I Congresso de Especialidades Odontológicas e o III Congresso de Odontologia Hospitalar do Hospital das Clínicas (HCFMUSP). Realizado no Centro de Convenções Rebouças, o evento discutiu temas do cotidiano da odontologia hospitalar que, ao tratar de pacientes com diversos níveis de complexidade, enfrenta grandes desafios e converge para um aspecto imprescindível: a necessidade de se ter uma visão interdisciplinar para a avaliação dos doentes e a tomada de decisões em que há risco médico nos procedimentos odontológicos.

Na solenidade, a mesa de abertura teve a participação dos seguintes membros: Prof. Dr. Marcos Boulos, diretor clínico do HCFMUSP; Dr. José

Manuel de Camargo Teixeira, superintendente do HCFMUSP; Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes, diretor geral da FFM; Dr. Emil Adib Razuk, presidente do Conselho Regional de Odontologia do Estado de São Paulo; Dr^a Elaine Barbosa Prado, representante da Comissão de Aprimoramento Hospitalar em Odontologia do HCFMUSP.

O discurso inicial foi proferido pela Dr^a Eliane, que destacou o evento “como uma oportunidade de se vivenciar o fruto do trabalho odontológico”.

O Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes, dentista por formação, elogiou a iniciativa e fez um alerta: “O excesso de segmentação pode tirar a visão generalista, que é indispensável para a prática da profissão. Não devemos nos esquecer de que se a visão integral não existir, a especialização pode ser uma grande cilada profissional”.



ÉRICO PADRÃO

O Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes participou da solenidade de abertura

A cerimônia de abertura foi encerrada pelo Prof. Dr. Marcos Boulos. “Temos trabalhado muito no sentido de conscientizar e interpretar o papel do dentista dentro de um hospital como o nosso. Queremos que a Instituição trabalhe dentro de critérios objetivos – critérios que devem existir dentro de um hospital universitário”, finalizou.

Jornal da FFM completa quatro anos

Criado em março de 2002, o Jornal da FFM completa quatro anos nesta edição. Desde o primeiro número, seu objetivo tem sido a prestação de esclarecimentos sobre a atuação da Fundação Faculdade de Medicina a todos os integrantes do Complexo HCFMUSP e também à comunidade em geral. Uma de suas funções mais importantes nesse sentido é o acompanhamento constante de todas as etapas do Projeto de Restauro e Modernização da Faculdade de Medicina da USP e a divulgação dos patrocinadores que têm colaborado com as reformas da Faculdade.

Todos os patrocinadores do Projeto – sejam eles pessoas físicas ou jurídicas – recebem o periódico bimestralmente, assim como diretores de grandes em-

presas e de órgãos federais, estaduais e municipais, não só na área de saúde.

Além das notícias de interesse do Complexo e do Projeto de Restauro, o Jornal da FFM também apresenta a seus leitores um pouco da diversidade humana e profissional da Faculdade e do HCFMUSP, com notícias e destaques sobre o corpo docente. Na seção Talento, são apresentadas as atividades lúdicas, criativas e artísticas de profissionais médicos, que também falam sobre sua área de atuação.

Em seus Editoriais, o diretor geral da FFM, Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes, e o vice-diretor da FFM e da



MARCIO SOARES

FMUSP, Prof. Dr. Yassuhiko Okay, se revezam no aprofundamento de temas importantes como política de saúde, diretrizes para os cursos da FMUSP e política universitária.

A cada nova edição, uma matéria especial esmiúça um dos projetos em desenvolvimento pela FFM. São projetos realizados por docentes de todo o Complexo HCFMUSP ou elaborados em parceria com os principais órgãos de Saúde e Educação, nos mais diversos âmbitos, e coordenados pela Gerência de Projetos da FFM, que também é responsável pela edição do Jornal. Sugestões e críticas podem ser encaminhados para o e-mail projetos@ffm.br.

Restauro e Modernização da FMUSP

Projeto: Andrade & Morettin Arquitetos Associados

Obras nas portarias começaram em abril

Dando prosseguimento ao Projeto de Restauro e Modernização da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), no dia 6 de abril iniciou-se mais uma fase das obras. Desta vez, as portarias da Av. Dr. Arnaldo (Portão 3), que fica localizada em frente à estação Clínicas do Metrô, e a da Rua Teodoro Sampaio (Portão 4) tiveram suas obras iniciadas.

Atualmente, as portarias resumem-se a guaritas de fibra de vidro, mas com a reforma, o Plano Diretor prevê uma portaria mais completa, com acesso de pedestres e também de veículos. O prazo para a conclusão dessa etapa é de 180 dias.



fotos: TADEU BRUNELLI

As obras das portarias da Av. Dr. Arnaldo e Rua Teodoro Sampaio, abaixo, devem durar 180 dias

Também do lado externo da Faculdade, as obras de Restauro da Fachada continuam ativas, com prazo de finalização previsto para outubro deste ano.



Patrocínios



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



LEI DE INCENTIVO "APOIO INSTITUCIONAL DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO LEI 10923/90"

Apoios

- Merck Sharp & Döhme Farmacêutica
- Grupo Comolatti
- Fundação Ortopedia / HCFMUSP
- Fundação Otorrinolaringologia / HCFMUSP
- Corpo Clínico do Hospital Sírio Libanês
- Conselho Regional de Medicina de São Paulo
- Corpo Clínico da Div. de Clínica Oftalmológica do HCFMUSP
- Corpo Clínico da Div. de Medicina de Reabilitação do HCFMUSP
- Cia. Suzano de Papel e Celulose S.A.
- Restaurantes Rubaiyat
- Eli Lilly do Brasil Ltda.
- DPZ Propaganda
- Alunos, pais de alunos, ex-alunos e outras pessoas físicas